Europa derretendo

Europa derritiéndose

Europe melting

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo: O principal destaque da quinzena europeia foi a intensa onda de calor, que registrou temperaturas superiores a 40°C, provocando impactos na infraestrutura, nos sistemas de transporte, no comércio, nos serviços de saúde e na mortalidade. A situação reacendeu o debate sobre a preparação do continente para eventos climáticos extremos e sobre o acesso ao ar-condicionado, especialmente em hospitais, escolas e instituições que atendem populações vulneráveis. A necessidade de ampliar a refrigeração expõe o dilema entre adaptação às mudanças climáticas e aumento do consumo de energia, impulsionando discussões sobre eficiência energética, infraestrutura urbana e soluções sustentáveis. A OMS alertou que as ondas de calor deixaram de ser eventos excepcionais e passaram a representar uma das principais ameaças à saúde pública na Europa. Na agenda institucional, a Irlanda assumiu a presidência rotativa do Conselho da União Europeia, priorizando competitividade, segurança e valores. O Conselho de Políticas Sociais debateu violência digital contra meninas, habitação, mudanças demográficas e combate à pobreza, reforçando a moradia como importante determinante social da saúde. O Pacote da Primavera do Semestre Europeu também deu maior destaque às políticas de saúde e incorporou recomendações específicas sobre habitação. No campo geopolítico, a expectativa concentra-se na Cúpula da OTAN, marcada pelo debate sobre o aumento dos gastos europeus com defesa e pelo contexto de incertezas quanto ao papel dos Estados Unidos na Aliança. Por fim, um estudo publicado no *British Medical Journal* alertou para os impactos do acordo farmacêutico entre Reino Unido e Estados Unidos, estimando aumento expressivo dos gastos do NHS com medicamentos de marca e potenciais efeitos negativos sobre a sustentabilidade financeira do sistema e os desfechos em saúde da população, incluindo a geração de milhares de mortes evitáveis.

Palavras-chave: União Europeia; Mudanças climáticas; Calor; Habitação; Otan; Acordo UE-Reino Unido.

***Resumen**: El principal acontecimiento de la quincena europea fue la intensa ola de calor, que registró temperaturas superiores a los 40 °C y provocó importantes impactos en la infraestructura, los sistemas de transporte, el comercio, los servicios de salud y la mortalidad. La situación reavivó el debate sobre la preparación del continente frente a los fenómenos climáticos extremos y sobre el acceso al aire acondicionado, especialmente en hospitales, escuelas e instituciones que atienden a poblaciones vulnerables. La creciente necesidad de refrigeración pone de manifiesto el dilema entre la adaptación al cambio climático y el aumento del consumo de energía, impulsando el debate sobre eficiencia energética, infraestructura urbana y soluciones sostenibles. La Organización Mundial de la Salud (OMS) advirtió que las olas de calor han dejado de ser fenómenos excepcionales para convertirse en una de las principales amenazas para la salud pública en Europa. En la agenda institucional, Irlanda asumió la presidencia rotatoria del Consejo de la Unión Europea, priorizando la competitividad, la seguridad y los valores. El Consejo de Empleo, Política Social, Sanidad y Consumidores (EPSCO) debatió la violencia digital contra las niñas, la vivienda, los cambios demográficos y la lucha contra la*

pobreza, reafirmando la vivienda como un importante determinante social de la salud. El Paquete de Primavera del Semestre Europeo 2026 también otorgó mayor protagonismo a las políticas de salud e incorporó recomendaciones específicas sobre vivienda. En el ámbito geopolítico, la atención se centra en la Cumbre de la OTAN, marcada por el debate sobre el aumento del gasto europeo en defensa y por la incertidumbre respecto al papel de Estados Unidos dentro de la Alianza. Por último, un estudio publicado en el British Medical Journal advirtió sobre las consecuencias del acuerdo farmacéutico entre el Reino Unido y Estados Unidos, estimando un incremento significativo del gasto del NHS en medicamentos de marca y posibles efectos negativos sobre la sostenibilidad financiera del sistema de salud y los resultados en salud de la población, incluida la generación de miles de muertes evitables.

Palabras clave: *Unión Europea; Cambio climático; Calor; Vivienda; OTAN; Acuerdo UE-Reino Unido.*

Abstract: *The main highlight of the European fortnight was the intense heatwave, with temperatures exceeding 40°C, causing widespread impacts on infrastructure, transportation systems, commerce, healthcare services, and mortality. The situation has reignited the debate over the continent's preparedness for extreme climate events and access to air conditioning, particularly in hospitals, schools, and institutions serving vulnerable populations. The growing need for cooling underscores the dilemma between adapting to climate change and increasing energy consumption, fueling discussions on energy efficiency, urban infrastructure, and sustainable cooling solutions. The World Health Organization (WHO) warned that heatwaves are no longer exceptional events but have become one of the leading public health threats in Europe. On the institutional agenda, Ireland assumed the rotating Presidency of the Council of the European Union, prioritizing competitiveness, security, and values. The Employment, Social Policy, Health and Consumer Affairs Council (EPSCO) discussed online violence against girls, housing, demographic change, and poverty reduction, reinforcing housing as an important social determinant of health. The 2026 European Semester Spring Package also placed greater emphasis on health policies and included specific recommendations on housing. In the geopolitical arena, attention is focused on the NATO Summit, marked by debates over increased European defense spending and ongoing uncertainty regarding the role of the United States within the Alliance. Finally, a study published in the British Medical Journal warned of the consequences of the pharmaceutical agreement between the United Kingdom and the United States, estimating a substantial increase in NHS spending on branded medicines and potential negative impacts on the financial sustainability of the health system and population health outcomes, including the occurrence of thousands of avoidable deaths.*

Keywords: *European Union; Climate change; Heat; Housing; NATO; EU–UK Agreement.*

O destaque da quinzena europeia é, indubitavelmente, o calor que faz a Europa literalmente derreter, com temperaturas superiores a 40 graus. Na cidade de Leipzig, na Alemanha, o derretimento do material de vedação entre o asfalto e os trilhos do bonde levou à suspensão do transporte. O calor também tirou de operação parte da frota de ônibus da cidade[1]. Além dos impactos no transporte público, o calor extremo também afetou o comércio local. Supermercados e outros estabelecimentos relataram falhas em sistemas de refrigeração

[1] https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2026/06/30/calor-derrete-asfalto-e-obstrui-trilhos-de-bonde-na-alemanha.ghtml. Acesso em 06/07/2026.

durante o pico das temperaturas. Cenas de pessoas correndo em lojas para comprar ventiladores e aparelhos de ar-condicionado inundaram as redes sociais. Diversos países decretaram medidas de emergência após sucessivos recordes de temperaturas. O diretor geral da OMS Tedros Adhanom, declarou em rede social, que o calor extremo se tornou um dos principais problemas de saúde pública na região[2]. Além dos problemas de saúde associados ao calor, pessoas estão morrendo afogadas ao tentarem se refrescar[3].

Dois dos principais debates que emergem da emergência sanitária em curso, dizem respeito ao ar-condicionado como direito humano[4,5,6], e à falta de preparação do continente para uma situação anunciada, que se agrava ano após ano, verão após verão. Muitos europeus veem os aparelhos de ar-condicionado como fontes de excessos energéticos ou mesmo como desnecessários. Matéria da DW, esclarece que esta visão está fincada especialmente no norte da Europa, onde o clima ameno, os altos custos de energia e a preocupação ambiental contribuíram para uma relação distante com a refrigeração artificial. No entanto, temperaturas acima dos 40°C deixaram de ser exceção em países como França, Alemanha e Reino Unido. O calor prolongado passou a pressionar sistemas de saúde, infraestrutura urbana e rotinas de trabalho[7]. A situação se torna dramática ao pensarmos em hospitais sem aparelhos de ar-condicionado. Muitas escolas fecharam durante as ondas de calor, mas e os hospitais? E os pacientes?

A crescente demanda por refrigeração coloca a Europa diante de um dilema, que é proteger a população às custas da elevação do consumo de energia, num cenário que já é de crise e de comprometimento das metas climáticas que a EU pretende alcançar até 2050. Outro ponto levantado é o paradoxo do calor retirado dos ambientes que é liberado para as ruas, contribuindo para o aumento das temperaturas nas cidades. Por isso, o debate europeu deixou de ser apenas sobre instalar ou não aparelhos. A discussão envolve eficiência energética, modernização de edifícios, ampliação de áreas verdes e desenvolvimento de tecnologias de refrigeração menos poluentes. Na França, o tema chegou ao centro do debate político: partidos de diferentes correntes discutem até que ponto o acesso ao ar-condicionado deve ser ampliado em escolas, hospitais e residências de idosos, considerados grupos mais vulneráveis aos eventos extremos de calor. A Comissão Europeia não se posicionou no debate, cada vez mais controverso, sobre o ar-condicionado, argumentando que não cabe ao executivo da UE ditar as escolhas dos consumidores[8].

No tocante à “preparação e resposta”, pauta que ganhou centralidade nas agendas de saúde com a pandemia de Covid-19, a Europa também é criticada e desafiada: respostas

---

[2] https://veja.abril.com.br/mundo/onda-de-calor-derrete-asfalto-e-paralisa-transporte-em-cidade-da-alemanha/. Acesso em 06/07/2026.

[3] https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9v27lx1kwmo. Acesso em 06/07/2026.

[4] https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2026/06/26/calor-extremo-leva-europa-a-repensar-aversao-ao-ar-condicionado.ghtml. Acesso em 06/07/2026.

[5] https://pt.euronews.com/my-europe/2026/06/30/ar-condicionado-sim-ou-nao-a-batalha-politica-pelo-fresco. Acesso em 06/07/2026.

[6] https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/por-que-o-uso-de-ar-condicionado-gera-polemica-na-europa/. Acesso em 06/07/2026.

[7] https://www.dw.com/pt-br/calor-extremo-leva-europa-a-repensar-avers%C3%A3o-ao-ar-condicionado/a-77708171. Acesso em 06/07/2026.

[8] https://pt.euronews.com/my-europe/2026/06/30/ue-recusa-pronunciar-se-sobre-ar-condicionado-em-plena-vaga-de-calor-extrema. Acesso em 06/07/2026.

desiguais, atraso em políticas, ênfase em prevenção, crenças arraigadas[9,10,11]. Apesar de anos de alertas científicos e crescente conscientização pública, as ondas de calor continuam a deixar grande parte do continente em situação crítica. Vários hospitais declararam estado de emergência devido a falhas nos sistemas de refrigeração e no funcionamento de sistemas críticos de TI, enquanto escolas, empresas e ferrovias operam em meio ao caos, acompanhado de incêndios florestais que, novamente, devastam algumas regiões. Para combater as ondas de calor, algumas medidas são adotadas: governos integraram sistemas de alerta precoce com medidas de resposta rápida — restringindo a circulação, fechando escolas e cancelando consultas médicas não urgentes. No entanto, as ondas de calor estão se tornando mais intensas, prolongadas e frequentes – e não está claro se os esforços de adaptação estão acompanhando o aumento da concentração de gases de efeito estufa na atmosfera. Este ano, os sistemas de alerta precoce foram acionados antes do início oficial do verão. Talvez tenham sido capazes de reduzir as mortes, mas não de evitá-las. Especialistas em saúde e em questões de calor urbano vêm defendendo a criação de mais espaços verdes nas cidades para combater o efeito de "ilha de calor urbana", melhor sombreamento dos edifícios e ventilação das casas, além de maior apoio aos hospitais. Os cidadãos são aconselhados a verificar o estado de saúde de seus vizinhos idosos ou vulneráveis[12].



O diretor regional da OMS Europa, Hans Kluge, alerta para os próximos verões, dizendo que "esta onda de calor é apenas um ensaio geral". Apesar de reconhecer avanços, ele advertiu

[9] https://www.publico.pt/2026/07/02/azul/noticia/europa-aquece-depressa-decide-2180263. Acesso em 06/07/2026.

[10] https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2026/07/01/calor-extremo-expoe-despreparo-da-europa-e-desafia-modo-de-vida-construido-para-o-frio.ghtml. Acesso em 06/07/2026.

[11] https://pt.euronews.com/my-europe/2026/06/30/europa-enfrenta-segunda-onda-de-calor-pacto-ecologico-da-ue-a-prova-de-verao. Acesso em 06/07/2026.

[12] https://pragmatika.media/pt/news/sumna-nemynuchist-chomu-ievropa-dosi-ne-hotova-do-speky-popry-desiatylittia-poperedzhen/. Acesso em 06/07/2026.

que cada verão para o qual a Europa não se prepara é um verão que se paga em vidas humanas por falta de preparação. Em declaração, Kluge alerta que a Europa aquece o dobro da média global e que as ondas de calor atuais não são eventos isolados, mas crises recorrentes que estão superlotando hospitais, batendo recordes de chamadas de emergência (como em Londres e na França) e causando centenas de mortes prematuras. O diretor destaca que as medidas de adaptação já adotadas salvaram vidas. Estima-se que, em 2023, as mortes relacionadas ao calor na região teriam sido 80% maiores sem os planos de ação e alertas atuais. Kluge cita cidades como Barcelona (com mais de 500 abrigos climáticos) e Paris (com registros de assistência a vulneráveis e restrição de álcool) como exemplos de preparação, acrescentando que, na Itália há restrições ao trabalho ao ar livre nos horários mais quentes. Mais da metade dos países da região europeia ainda não possui um plano de ação abrangente para a saúde contra o calor. A OMS convocou uma reunião de emergência para o dia em que este informe é escrito para debater as lições aprendidas, alertando que esta onda de calor é apenas um "ensaio geral" para verões ainda mais difíceis que virão[13].

Para a OMS, as ondas de calor são uma das principais causas de mortes relacionadas ao clima. A Organização destaca que os impactos negativos na saúde são amplamente evitáveis através de boas práticas, dividindo a resposta em duas frentes: adaptação, preparando os sistemas de saúde e as sociedades para enfrentar os impactos climáticos inevitáveis (novas diretrizes de Planos de Ação de Saúde contra o Calor foram lançadas em junho de 2026 e noticiadas na última edição deste Informe); e mitigação, reduzir as emissões e acelerando a transição para cuidados de saúde sustentáveis e de baixo carbono (Net-Zero), atacando a raiz do problema[14].

No âmbito da União Europeia, o destaque é a nova presidência rotativa do Conselho assumida pela Irlanda até o final do ano. Sob o comando do primeiro-ministro Micheál Martin, o programa do país baseia-se nos três pilares que já vêm dominando a pauta do bloco: **competitividade, valores e segurança**. Os maiores desafios da presidência irlandesa são a aprovação do Orçamento da EU para o período entre 2028 e 2034, que demanda mediação de complexas negociações do Quadro Financeiro Plurianual, estimado em quase 2 trilhões de euros, buscando um consenso até dezembro; estabilizar as relações com o governo Trump, especialmente em temas comerciais e no setor farmacêutico; e manter o apoio à Ucrânia. Outros pontos que a Irlanda pretende trabalhar em sua presidência são a efetiva implementação do Acordo EU- Mercosul, as negociações com vistas à expansão do bloco, e negociações de regras de inteligência artificial para proteger seus interesses econômicos no setor[15,16].

A reunião mais relevante da quinzena foi a do Conselho de Políticas Sociais, que teve como principais temas a violência digital contra meninas, habitação e mudanças demográficas, segurança habitacional, mobilidade laborar justa e estratégia europeia de combate à pobreza.

---

13 https://www.who.int/europe/news/item/30-06-2026-statement---get-prepared--current-european-region-heatwaves-are-a-dress-rehearsal. Acesso em 06/07/2026.

14 https://www.who.int/europe/emergencies/situations/climate-crisis-extreme-weather. Acesso em 06/07/2026.

15 https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2026/07/01/remarks-by-president-antonio-costa-at-the-press-conference-with-taoiseach-of-ireland-micheal-martin/?utm_source=brevo&utm_campaign=AUTOMATED%20-%20Alert%20-%20Newsletter&utm_medium=email&utm_id=3318. Acesso em 06/07/2026.

16 https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2026/07/01/irlanda-assume-presidencia-da-ue-e-tenta-avancar-em-orcamento-e-relacoes-com-eua.htm. Acesso em 06/07/2026.

Na reunião, foram aprovadas conclusões sobre o combate à violência cibernética contra meninas e sobre a relação entre tendências demográficas e políticas habitacionais.

No tocante às conclusões que destacam a relação entre a crise habitacional europeia e as mudanças demográficas, como o envelhecimento da população, a redução do tamanho dos domicílios e a migração das áreas rurais para os centros urbanos, o documento defende que as políticas de habitação considerem esses fatores para garantir acesso a moradias adequadas e acessíveis. A crise da habitação é vista como um problema multidimensional, com impactos na coesão social, sustentabilidade, competitividade econômica e qualidade de vida. Os ministros reconhecem que a oferta e a demanda por moradia são influenciadas pelas transformações demográficas. Altos custos habitacionais podem dificultar a formação de famílias, enquanto famílias menores alteram o perfil da demanda por habitação. Os grupos mais afetados incluem jovens, idosos, pessoas com deficiência, famílias com crianças, trabalhadores de renda baixa e média e profissionais essenciais, como professores e trabalhadores da saúde. O Conselho recomenda que os Estados-membros desenvolvam políticas de habitação mais inclusivas, promovendo acessibilidade, moradias adaptadas e iniciativas de convivência intergeracional. Entre as causas da escassez habitacional estão a concentração de empregos e oportunidades educacionais em grandes cidades, o aumento dos custos de construção, a especulação imobiliária e a expansão dos aluguéis de curta duração. As conclusões defendem mais investimentos públicos e privados, reutilização de edifícios existentes e redução de entraves burocráticos para ampliar a oferta de moradias. O texto também ressalta a necessidade de integrar objetivos ambientais às políticas de habitação, equilibrando eficiência energética, custos de construção e acessibilidade econômica.

Para agendas de saúde e proteção social, o documento reforça a compreensão da moradia como determinante social da saúde, associando habitação adequada a inclusão social, envelhecimento saudável, mobilidade laboral e bem-estar das populações vulneráveis. Os profissionais de saúde são identificados entre os grupos particularmente afetados pela crise habitacional. Embora a reunião tenha tido foco predominantemente social, os temas debatidos têm interface direta com determinantes sociais da saúde, especialmente: pobreza e exclusão social; habitação adequada; proteção de grupos vulneráveis (meninas e jovens); qualidade do trabalho e equidade de gênero; e impactos das mudanças demográficas no bem-estar da população.

Houve análise do Pacote da Primavera do Semestre Europeu, instrumento de coordenação das políticas econômicas e sociais da EU, que trouxe destaque à saúde e habitação. O Pacote de Primavera de 2026 integra o Semestre Europeu, o sistema de governança da UE para a coordenação das políticas econômicas e sociais dos Estados-Membros. Os relatórios por país do Pacote de Primavera apresentam uma análise aprofundada da evolução econômica, social e do emprego em cada Estado-Membro. As Recomendações Específicas por País deste ano relacionadas com a saúde abordam desafios estruturais, incluindo o acesso aos cuidados de saúde, a escassez de mão de obra e o reforço dos cuidados de saúde primários e da prevenção. Pela primeira vez, a habitação constitui também um foco central. Cada relatório por país inclui agora um anexo dedicado à habitação, com recomendações para melhorar a acessibilidade económica e enfrentar as pressões no setor habitacional.

Outro destaque é a Cúpula da Otan, que será realizada em Ancara, na Turquia, entre 7 e 8 de julho, intervalo entre a escrita e a apresentação deste Informe. A expectativa é que o presidente estadunidense, Donald Trump, intensifique a pressão para que os países-membros europeus aumentem seus gastos em defesa, rumo à nova meta de 5% do PIB até 2035. Para

amenizar a pressão, o secretário-geral, Mark Rutte, anunciou a assinatura de novos contratos de defesa estimados em dezenas de bilhões de dólares, para aquisição de equipamentos militares essenciais para reforçar a dissuasão e a defesa do bloco. O plano visa impulsionar a produção industrial de defesa tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. O cenário no qual a Cúpula acontece é de dúvida acerca da permanência dos EUA na Aliança, tendo em vista declarações do mandatário estadunidense que questionam o regime, as ameaças de anexação da Groenlândia e o recente anúncio de retirada de 5.000 soldados de bases estadunidenses na Alemanha. Informações sobre os principais resultados da Cúpula serão divulgadas no Informe 12.

Um artigo publicado no *British Medical Journal* (BMJ) analisa os impactos financeiros e na saúde pública em consequência ao acordo comercial de produtos farmacêuticos firmado entre o Reino Unido e os Estados Unidos. Pelo acordo, o governo britânico se compromete a duplicar os gastos com novos medicamentos de marca, passando de 0,3% para 0,6% do PIB até 2036, aumentando os custos financeiros do sistema nacional de saúde britânico, o NHS. O impacto é milionário: estima-se um custo adicional para o NHS de 1,3 bilhão de libras esterlinas em 2028, acumulando um total de 44,7 bilhões até o fim de 2036. Se incluídos os impactos na assistência social de adultos, o valor sobe para 54,6 bilhões de libras esterlinas. O acordo prevê ainda mudanças nos critérios de preço, flexibilizando limites. O limite de custo-benefício utilizado pelo NICE (órgão que avalia quais medicamentos o NHS deve comprar) foi ampliado. Antes, o teto era de 20.000–30.000 libras esterlinas por ano de vida saudável ganho (QALY); a partir de abril de 2026, passou para 25.000–35.000. Também houve redução de descontos: a taxa de reembolso que as indústrias farmacêuticas devolvem ao NHS quando os gastos excedem as metas (VPAG) foi cortada de 23% para 14,5%. Na prática, o Reino Unido pagará mais caro por remédios que já seriam aprovados de qualquer forma.

Como consequências para a saúde pública, o artigo alerta para o aumento de mortes, pois como o orçamento do NHS é finito, o desvio de recursos para pagar medicamentos de marca mais caros, gerará perda de verba em outras áreas, causando 229.000 mortes adicionais e evitáveis até 2036, número que vai a 291.000 mortes, se somado ao impacto na assistência social. O estudo diz que o corte de verbas afetará principalmente o tratamento de doenças crônicas e preventivas (como problemas cardiovasculares e respiratórios), prejudicando sobretudo as populações de áreas mais carentes. O artigo conclui que os benefícios propagandeados são incertos, pois embora o governo promova o acordo destacando a tarifa zero de exportação para os EUA por 3 anos, o Reino Unido é um importador líquido de medicamentos. Logo, o maior benefício financeiro deve ficar com as multinacionais farmacêuticas. O relatório de impacto oficial do Departamento de Saúde britânico (DHSC) não foi liberado ao público. Campanhas civis e grupos de pacientes já iniciaram ações legais exigindo transparência e debate parlamentar sobre o tema. Assinado em dezembro pelo primeiro-ministro Keir Starmer e pelo presidente Donald Trump, o acordo isenta exportações médicas britânicas de tarifas estadunidenses por 3 anos, em troca da duplicação de gastos do NHS britânico com novos medicamentos dos EUA até 2036.

Considerações Finais

A quinzena reforça a percepção de que a Europa enfrenta um período de convergência entre crises climáticas, sociais, econômicas e geopolíticas. As ondas de calor deixaram de representar eventos excepcionais para se consolidarem como um desafio estrutural, exigindo respostas permanentes dos governos acerca de sistemas de saúde, infraestrutura urbana e

políticas de proteção social, evidenciando que a preparação para eventos extremos passa a ser um componente indispensável da governança em saúde.

Ao mesmo tempo, a agenda da UE demonstra que temas tratados de forma setorial — como habitação, pobreza, mercado de trabalho, competitividade e segurança — passam a ser compreendidos de maneira cada vez mais integrada, reconhecendo seus impactos diretos sobre a saúde e o bem-estar das populações. A incorporação da habitação como prioridade no Semestre Europeu e as discussões do Conselho de Políticas Sociais ilustram esse movimento de fortalecimento da abordagem dos determinantes sociais da saúde.

No campo geopolítico, a nova presidência irlandesa do Conselho da União Europeia, a expectativa em torno da Cúpula da OTAN e as negociações comerciais envolvendo o Reino Unido evidenciam um cenário complexo, no qual segurança, autonomia estratégica, sustentabilidade fiscal e acesso à saúde permanecem fortemente interligados.

Em conjunto, os acontecimentos desta quinzena sinalizam que a capacidade de antecipação, adaptação e coordenação intersetorial será cada vez mais determinante para a resposta europeia aos desafios contemporâneos. A preparação para os impactos das mudanças climáticas, o fortalecimento dos sistemas de saúde e a integração das políticas sociais deverão permanecer entre os principais eixos da agenda europeia nos próximos meses, a despeito da militarização e do aumento dos gastos em defesa e segurança, que vem drenando recursos de importantes áreas sociais.